



Revisitando a causalidade: Foucault, poder e práticas discursivas

*Bárbara Leandra Porto**

Resumo: Este estudo, inserido na filosofia contemporânea, analisa a concepção de causalidade em Michel Foucault, com ênfase em sua abordagem genealógica em obras como *Vigiar e Punir* (1975) e *Microfísica do Poder* (1978). Foucault propõe que a causalidade é difusa, entrelaçada com estruturas de poder e práticas discursivas, moldando o sujeito moderno através de instituições como escolas, prisões e hospitais. Em diálogo com David Hume, que vê a causalidade como uma inferência baseada na repetição de eventos, o estudo examina como Foucault critica essa visão, apresentando a causalidade como uma construção social e histórica. As questões centrais a serem respondidas são: Como a abordagem genealógica de Foucault redefine a causalidade na modernidade? Como as estruturas de poder influenciam a produção de conhecimento e verdade? Quais são as implicações dessas ideias para a compreensão das dinâmicas de poder e causalidade na sociedade contemporânea?

Palavras-chave: Poder; Causalidade; Foucault; Filosofia.

Revisiter la causalité: Foucault, pouvoir et pratiques discursives

Résumé: Cette étude, insérée dans la philosophie contemporaine, analyse la conception de la causalité de Michel Foucault, en mettant l'accent sur son approche généalogique dans des ouvrages tels que *Surveiller et punir* (1975) et *Microphysique du pouvoir* (1978). Foucault propose que la causalité est diffuse, étroitement liée aux structures de pouvoir et aux pratiques discursives, façonnant le sujet moderne à travers des institutions telles que les écoles, les prisons et les hôpitaux. En dialogue avec David Hume, qui considère la causalité comme une

* Especialização em andamento em Ensino Religioso pela Faculdade Famart (FAMART). E-mail: bleandra143@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5894643612958657>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6984-9664>.

inférence basée sur la répétition d'événements, l'étude examine la façon dont Foucault critique cette vision, présentant la causalité comme une construction sociale et historique. Les questions centrales auxquelles il faut répondre sont les suivantes : Comment l'approche généalogique de Foucault redéfinit-elle la causalité dans la modernité ? Comment les structures de pouvoir influencent-elles la production de connaissances et de vérité ? Quelles sont les implications de ces idées pour comprendre la dynamique du pouvoir et de la causalité dans la société contemporaine ?

Mots-clés: Pouvoir; Causalité; Foucault; Philosophie.

Introdução

O conceito de *causalidade* tem sido central nas discussões filosóficas ao longo dos séculos, especialmente na época moderna (XVII-XIX), marcada por uma busca incessante por explicações racionais e científicas dos fenômenos. Tradicionalmente, a *causalidade* foi entendida de maneira linear, em que uma causa direta leva a um efeito específico. No entanto, Michel Foucault, um dos mais influentes filósofos do século XX, desafiou essa visão convencional, propondo uma compreensão mais complexa e inter-relacionada da causalidade.

Foucault introduz uma abordagem genealógica¹ para examinar as relações de *poder e saber*, mostrando como essas dinâmicas moldam a produção de conhecimento e a constituição de verdades. Em obras como *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* publicado em 1975 e *Microfísica do poder* publicado em 1978, Foucault demonstra que o *poder* não é simplesmente repressor, mas também produtivo, permeando todas as esferas da vida social e influenciando a formação de sujeitos e práticas discursivas. Sua análise das instituições disciplinares revela como a

¹ Para saber mais, sugiro a leitura do artigo: A genealogia em Foucault: uma trajetória de autoria de Flávia Cristina Silveira Lemos e Hélio Rebello Cardoso Júnior, que pode ser encontrado em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300008>.

causalidade é tecida através de uma rede de relações de *poder* e *saber*, desafiando a noção de uma *causalidade* unidirecional.

Paralelamente, o pensamento de David Hume², filósofo do século XVIII, oferece um contraponto interessante. Hume argumenta que a *causalidade* não é observável diretamente, mas uma inferência baseada na repetição de eventos. Para ele, a ideia de *causalidade* é um produto do hábito mental de associar eventos que se sucedem regularmente. Este estudo investigará como Foucault retoma e critica essas ideias ao considerar que a *causalidade* é uma construção social e histórica, mais do que uma simples regularidade observada.

Será explorado como as práticas discursivas e as relações de *poder*, conforme analisadas por Foucault, influenciam a formação dos hábitos e das crenças causais descritas por Hume. Essa análise revela que, para Foucault, a *causalidade* é intrinsecamente ligada às formas como o *poder* se exerce e como o conhecimento é produzido e legitimado.

Este estudo busca explorar a redefinição foucaultiana da causalidade, investigando como suas ideias sobre *poder*, *saber* e *disciplina* oferecem uma nova perspectiva sobre as dinâmicas sociais e históricas. Para tanto, serão analisadas as principais obras de Foucault, incluindo *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (1975), *Microfísica do poder* (1978), *A Arqueologia do Saber* (1969), *A Ordem do Discurso* (1971) e *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976). Através dessa análise, pretende-se demonstrar como Foucault desconstrói as noções tradicionais de *causalidade* e oferece uma visão mais rica e multifacetada das forças que moldam a sociedade moderna.

Neste contexto, este artigo busca responder às seguintes questões: Como a abordagem genealógica de Michel Foucault redefine a causalidade? De que forma as estruturas de *poder* influenciam a produção de conhecimento e verdade? Quais são as implicações das ideias foucaultianas para a compreensão das dinâmicas de *poder* e *causalidade*

² Para saber mais acesse o artigo cujo título é: *O Naturalismo e a Crítica à causalidade em David Hume* de autoria do Caio Leone de Almeida Moura Filho que pode ser encontrado em: <https://doi.org/10.13102/semic.v0i20.3184>.

na sociedade contemporânea? Ao abordar essas questões, esperamos esclarecer as contribuições de Foucault para a filosofia contemporânea e destacar a relevância de suas ideias para a compreensão crítica da *causalidade* na nossa época.

O conceito de causalidade na filosofia moderna

O conceito de *causalidade* tem desempenhado um papel central na filosofia ocidental, especialmente durante os séculos XVII e XVIII. Este período, marcado pelo Iluminismo e pela Revolução Científica, viu os filósofos empenhados em compreender as relações entre eventos e a natureza das explicações causais. A *causalidade* foi amplamente debatida e, frequentemente, entendida de forma linear, onde uma causa específica era vista como levando diretamente a um efeito específico, numa sequência clara e previsível. Esse entendimento foi fundamental para o desenvolvimento da ciência moderna e da filosofia natural, que buscavam explicações racionais e empíricas para os fenômenos observados no mundo.

Na visão tradicional, a *causalidade* era frequentemente associada a um determinismo rígido, onde cada evento tinha uma causa específica que podia ser identificada e analisada. Esse modelo linear de *causalidade* foi essencial para o avanço das ciências naturais, permitindo previsões e a formulação de leis universais. Por exemplo, a física newtoniana baseava-se na ideia de que forças específicas, como a gravidade, causavam movimentos específicos. Essa abordagem influenciou não apenas a física, mas também outras áreas do conhecimento, como a biologia e a economia.

David Hume, um dos filósofos mais influentes do Iluminismo, ofereceu uma crítica significativa à noção tradicional de causalidade. Em sua obra *Investigação sobre o Entendimento Humano* publicada em 1748, Hume argumenta que a *causalidade* não é algo que podemos observar diretamente no mundo. Em vez disso, ele sugere que nossa ideia de *causalidade* é derivada do hábito mental de associar eventos que se

sucedem regularmente. Para Hume, quando vemos dois eventos ocorrendo em sequência repetidas vezes, desenvolvemos uma expectativa de que o primeiro evento (a causa) será seguido pelo segundo evento (o efeito). Essa expectativa não é baseada em uma conexão necessária entre os eventos, mas sim em uma inferência que fazemos a partir da experiência passada. Ele argumenta que, apesar de nossa tendência de acreditar em relações causais, não há garantia lógica ou empírica de que essas relações se mantenham no futuro.

Para entendermos como Hume entende a *causalidade*, iremos recorrer ao fragmento,

Para que possamos compreender toda a extensão dessas relações, devemos considerar que dois objetos estão conectados na imaginação não somente quando um deles é imediatamente semelhante ou contíguo ao outro, ou quando é sua causa, mas também quando entre eles encontra-se inserido um terceiro objeto, que mantém com ambos alguma dessas relações. Esse encadeamento pode se estender até bem longe, embora, ao mesmo tempo, possa-se observar que, a cada interposição, a relação se enfraquece consideravelmente. Primos de quarto grau são conectados pela causalidade (se me permitem empregar esse termo), mas não de modo tão estreito quanto irmãos, e menos 35 Tratado da natureza humana ainda que uma criança e seus pais. Podemos observar, de maneira geral, que todas as relações de parentesco consanguíneo dependem da relação de causa e efeito, sendo consideradas próximas ou remotas segundo o número de causas interpostas entre as pessoas por elas conectadas (Hume, 2009, p. 35).

Nesta passagem, David Hume discute a natureza das relações entre objetos na mente humana. Ele argumenta que objetos estão conectados na imaginação não apenas quando são diretamente semelhantes, contíguos ou quando um é causa do outro, mas também quando há um terceiro objeto que mantém alguma relação com ambos. Essa cadeia de conexões pode se estender indefinidamente, mas a força da relação entre os objetos diminui a

cada interposição de um novo elemento. Hume utiliza o exemplo de parentesco consanguíneo para ilustrar esse conceito: parentes mais próximos, como irmãos, têm uma conexão mais forte do que parentes mais distantes, como primos de quarto grau, cuja relação é mais fraca devido ao maior número de causas interpostas entre eles. Assim, Hume sugere que nossa compreensão de relações, sejam de parentesco ou causalidade, depende da proximidade ou da quantidade de elementos intermediários que ligam os objetos em questão.

Hume também desafia a ideia de que o mundo funciona de maneira determinista, onde tudo acontece por causa de uma cadeia ininterrupta de causas e efeitos. Ele sugere que, na ausência de uma observação direta da conexão necessária entre causa e efeito, não podemos afirmar com certeza que o determinismo é verdadeiro. Hume afirma que nossa confiança no determinismo e nas leis causais é, em grande parte, um produto da natureza humana e do costume, e não de uma certeza racional ou científica.

Minha intenção, portanto, ao expor tão cuidadosamente os argumentos dessa seita imaginária, é apenas sensibilizar o leitor para a verdade de minha hipótese: que nossos raciocínios acerca de causas e efeitos derivam unicamente do costume; e que a crença é mais propriamente um ato da parte sensitiva que da parte cogitativa de nossa natureza. Provei, aqui, que exatamente os mesmos princípios que nos levam a formar uma conclusão sobre um assunto qualquer, e a corrigir essa conclusão pela consideração de nossa inteligência e capacidade, bem como da situação em que nossa mente se encontrava quando examinamos o assunto; provei que esses mesmos princípios, quando levados adiante e aplicados a cada novo juízo reflexivo, devem diminuir continuamente a evidência original, até reduzi-la a nada, destruindo por completo toda crença e opinião. Se a crença, portanto, fosse um simples ato do pensamento, independente de uma maneira peculiar de concepção ou adição de uma força e vividez, ela necessária entre destruiria a si mesma, terminando

sempre em uma total suspensão de juízo. Mas a experiência será suficiente para convencer, a quem quer que pense valer a pena pôr tudo isso à prova, de que, mesmo que não encontre nenhum erro nos argumentos anteriores, continuará a crer, a pensar e a raciocinar como de costume; e, por isso, pode concluir com segurança que seu raciocínio e sua crença são apenas uma sensação ou maneira peculiar de conceber, que meras ideias e reflexões são incapazes de destruir (Hume, 2009, p. 216-217).

Nesta passagem, David Hume explora a natureza da crença e do raciocínio humano, argumentando que nossas inferências sobre causas e efeitos são fundamentadas principalmente no costume e hábito, não apenas na razão pura. Ele sugere que a crença não é apenas um ato do pensamento racional, mas também um fenômeno emocional e sensitivo. Hume demonstra que os princípios que usamos para formar conclusões sobre qualquer assunto, quando analisados criticamente, tendem a diminuir a evidência original até que a crença seja suspensa. No entanto, ele observa que, na prática, continuamos a crer e a raciocinar como de costume, independentemente das reflexões críticas que possamos fazer. Isso leva-o a concluir que nossa crença e nosso raciocínio são influenciados por uma maneira peculiar de conceber as coisas, que não pode ser desfeita apenas por meio de argumentos puramente intelectuais. Assim, Hume destaca a importância da experiência humana cotidiana para sustentar a continuidade de nossas crenças, apesar das limitações da razão em sustentá-las de maneira absoluta.

As ideias de Hume tiveram profundas implicações para a filosofia e a ciência. Sua crítica ao conceito de *causalidade* levou a um ceticismo saudável que encorajou filósofos e cientistas a serem mais rigorosos em suas inferências causais e a questionarem as bases de suas suposições. Hume também influenciou o desenvolvimento da filosofia crítica, que se preocupa em examinar os fundamentos e os limites do conhecimento humano.

Além de Hume, outros filósofos modernos, como René Descartes, Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke e Immanuel Kant, contribuíram significativamente para a discussão sobre a *causalidade*. Descartes via a *causalidade* como parte de um sistema mecanicista, onde o mundo físico operava por meio de leis naturais e determinísticas. Bacon, um empirista, defendia a importância da observação e experimentação na aquisição do conhecimento, influenciando a compreensão da *causalidade* científica. Hobbes e Locke, com suas visões materialistas e empiristas, respectivamente, também moldaram a compreensão moderna das relações causais. Kant propôs que a *causalidade* era uma categoria a priori da mente, necessária para organizar a experiência. Para Kant, a *causalidade* não era uma característica do mundo em si, mas uma estrutura que a mente humana impõe sobre a experiência para torná-la compreensível

Foucault e uma nova leitura da causalidade

Michel Foucault, na filosofia contemporânea, deslocou o foco da *causalidade* tradicional para as relações de *poder* e discursos. Ele argumentou que a *causalidade* na história e na sociedade não é linear ou única, mas sim composta por uma rede de fatores inter-relacionados. Para Foucault, o que importa são as condições de possibilidades que moldam os discursos e práticas, sugerindo uma *causalidade* múltipla e difusa, que desafia as concepções lineares e determinísticas dos modernos.

A abordagem foucaultiana destaca como as estruturas de *poder* influenciam e são influenciadas pelos discursos, mostrando que a *causalidade* não pode ser reduzida a uma sequência simples de causa e efeito. Em vez disso, é necessário entender as complexas interações entre diversos elementos que se sobrepõem e se interpenetram, criando um tecido denso de relações causais.

Foucault enfatiza a importância de analisar as práticas sociais, políticas e culturais como partes de um conjunto maior de condições históricas e contextuais. Isso significa que as mudanças históricas e sociais

não podem ser explicadas por uma única causa ou por uma série linear de eventos, mas devem ser compreendidas como resultantes de uma multiplicidade de fatores interdependentes.

Essa nova leitura da *causalidade* proposta por Foucault desafia a visão tradicional e determinística da modernidade, oferecendo uma perspectiva mais rica e complexa da história e da sociedade. Ela nos convida a considerar as inter-relações e as dinâmicas de *poder* que moldam nossos entendimentos e práticas, proporcionando uma visão mais abrangente e crítica das forças que configuram a realidade social.

Genealogia da causalidade: uma abordagem foucaultiana

Michel Foucault, um dos pensadores mais influentes do século XX, revolucionou a forma como entendemos o poder, o conhecimento e a subjetividade na modernidade. Sua obra desafia noções tradicionais ao investigar como as estruturas de poder moldam não apenas as instituições sociais, mas também os próprios indivíduos. Por meio de uma abordagem genealógica, Foucault analisa como práticas discursivas e mecanismos de controle operam para produzir verdades e subjetividades específicas em diferentes contextos históricos. Ao explorar temas como vigilância, disciplina e normalização, Foucault oferece uma crítica profunda às formas dominantes de poder e conhecimento, convidando-nos a questionar as relações entre poder, saber e as dinâmicas sociais que constituem nossa realidade contemporânea.

Michel Foucault introduziu a genealogia como uma metodologia crítica para investigar a formação histórica de práticas sociais, discursos e verdades. Em contraste com a história tradicional que busca origens lineares e teleológicas, a genealogia foucaultiana explora as múltiplas camadas e os contextos contingentes através dos quais as formações discursivas emergem e se estabilizam.

Foucault critica a concepção tradicional de *causalidade* como uma relação simples entre causa e efeito. Em vez de uma narrativa linear e

progressiva, ele propõe que os eventos históricos e sociais são produtos de múltiplas forças, práticas e discursos entrelaçados. Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault sugere que o conhecimento e o *poder* são co-constitutivos, operando em redes complexas de relações que atravessam o tempo e o espaço.

Para iniciar essa reflexão, cabe recorrer ao fragmento,

Inicialmente, o efeito de superfície que já se assinalou: a multiplicação das rupturas na história das ideias, a exposição dos períodos longos na história propriamente dita. Está, na verdade, sob sua forma tradicional, se atribui como tarefa definir relações (de causalidade simples, de determinação circular, de antagonismo, de expressão) entre fatos ou acontecimentos datados: sendo dada a série, tratava-se de precisar a vizinhança de cada elemento. De agora em diante, o problema é constituir séries: definir para cada uma seus elementos, fixar-lhes os limites, descobrir o tipo de relações que lhe é específico, formular-lhes a lei e, além disso, descrever as relações entre as diferentes séries, para constituir, assim, séries de séries, ou “quadros”: daí a multiplicação dos estratos, seu desligamento, a especificidade do tempo e das cronologias que lhes são próprias; daí a necessidade de distinguir não mais apenas acontecimentos importantes (com uma longa cadeia de consequências) e acontecimentos mínimos, mas sim tipos de acontecimentos de nível inteiramente diferente (alguns breves, outros de duração média, como a expansão de uma técnica, ou uma rarefação da moeda; outros, finalmente, de ritmo lento, como um equilíbrio demográfico ou o ajustamento progressivo de uma economia a uma modificação do clima); daí a possibilidade de fazer com que apareçam séries com limites amplos, constituídas de acontecimentos raros ou de acontecimentos repetitivos (Foucault, 2008, p. 8-9).

Na citação acima, o autor propõe uma reconfiguração radical na prática histórica ao desafiar a visão tradicional que buscava estabelecer

relações causais lineares entre eventos datados. Em vez disso, Foucault sugere uma abordagem onde a ênfase não está apenas na descrição de eventos isolados, mas na construção de séries complexas e inter-relacionadas. Essas séries não apenas definem os limites e as características específicas dos eventos que as compõem, mas também permitem a análise das relações entre diferentes séries, formando “quadros” que revelam a multiplicidade e a especificidade do tempo histórico. Esse método não apenas diversifica as cronologias e os estratos temporais, mas também possibilita a análise de eventos de diferentes escalas e ritmos, desafiando a distinção convencional entre eventos significativos e mínimos na história.

Central para a genealogia foucaultiana é a análise das formações discursivas, ou seja, os conjuntos de práticas discursivas que surgem em contextos específicos e são sustentados por relações de poder. Foucault investiga como essas formações discursivas não apenas articulam conhecimento e verdade, mas também funcionam como dispositivos de *poder* que regulam e disciplinam corpos, mentes e comportamentos.

De acordo com o autor,

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (Foucault, 1996, p. 10).

Nesta citação, Michel Foucault explora a natureza complexa do discurso, destacando que ele não é apenas uma expressão ou ocultação de desejos, mas também um objeto de desejo em si mesmo. Foucault argumenta que as interdições que restringem o discurso revelam

imediatamente sua conexão com o desejo e o poder. Ele utiliza a psicanálise para ilustrar que o discurso não é apenas uma forma de manifestar ou ocultar desejos, mas também algo que é desejado ativamente. Além disso, Foucault enfatiza que o discurso não se limita a traduzir lutas de *poder* ou sistemas de dominação; ele é fundamental na própria estruturação desses poderes e na busca por sua aquisição. Assim, o discurso não apenas reflete relações de *poder* existentes, mas também é essencial na perpetuação e na reconfiguração dessas relações ao longo da história.

Em sua obra *A Arqueologia do Saber*, Foucault desenvolve uma metodologia arqueológica que busca desenterrar as condições de possibilidade dos discursos históricos. Ele argumenta que entender um discurso não significa apenas descrever seu conteúdo, mas também examinar as condições de sua emergência, suas regras de formação e transformação ao longo do tempo. Isso envolve uma crítica histórica que desnaturaliza o que é tomado como verdadeiro em diferentes períodos históricos.

Para compreender o conceito de arqueologia segundo Foucault, é essencial recorrer à seguinte passagem,

Ora, a descrição arqueológica é precisamente abandono da história das ideias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram. O fato de que alguns não reconheçam nessa tentativa a história de sua infância, que a lamentem e que invoquem, numa época que não é mais feita para ela, a grande sombra de outrora, prova certamente o extremo de sua fidelidade. Mal tal zelo conservador torna-me mais firme em meu propósito e me dá certeza do que quis fazer (Foucault, 2008, p. 156-157).

Nesta passagem, Foucault discute a metodologia arqueológica em contraste com a história das ideias. Ele argumenta que a arqueologia representa um abandono deliberado da abordagem tradicional da história

das ideias. Em vez de seguir os postulados e procedimentos dessa disciplina, a arqueologia do saber busca uma abordagem radicalmente diferente na construção da história. Foucault destaca que alguns críticos podem não reconhecer ou lamentar essa abordagem, especialmente aqueles que são fieis aos métodos e ideais antigos. No entanto, ele vê essa resistência como uma confirmação da validade de sua abordagem. O zelo conservador dos críticos reforça sua determinação em seguir adiante com seu propósito de criar uma história completamente nova, distinta da tradição estabelecida da história das ideias.

Além de sua análise das formações discursivas, Foucault investiga como as relações de *poder* moldam subjetividades individuais e coletivas. Em *Microfísica do Poder*, ele explora como as instituições disciplinares como escolas, prisões e hospitais operam como dispositivos de controle que produzem e regulam identidades. Essas instituições não apenas aplicam regras externas, mas também moldam interioridades através de práticas disciplinares que internalizam normas e valores sociais.

Ao desafiar a *causalidade* linear, Foucault propõe uma concepção mais fluida e inter-relacionada da causalidade. Ele sugere que eventos e processos sociais são resultados não apenas de uma causa única, mas de uma teia de relações que inclui práticas discursivas, estruturas de poder, condições históricas e contingências singulares. Essa abordagem não só amplia nossa compreensão das dinâmicas sociais, mas também nos obriga a reconsiderar as narrativas simplistas de causa e efeito que frequentemente obscurecem as complexidades da história e da sociedade.

Crítica à causalidade linear

Michel Foucault critica vigorosamente a concepção tradicional de *causalidade* como uma relação simples e linear entre causa e efeito. Em contraste com essa visão, ele propõe uma abordagem mais complexa e descontínua, que considera os eventos históricos e sociais como resultantes de múltiplas forças, práticas e discursos entrelaçados.

Foucault argumenta que a *causalidade* linear obscurece as complexidades das relações sociais e históricas ao reduzir eventos complexos a uma sequência simples de causa e efeito. Em vez de buscar

uma origem única ou uma explicação teleológica para fenômenos sociais, ele propõe uma análise descontínua que revela a formação contingente das séries de acontecimentos.

Essa crítica é central em *A Arqueologia do Saber*, onde Foucault sugere que entender um discurso ou um evento histórico não é simplesmente buscar uma causa primária, mas sim analisar as condições de emergência e as regras de formação que permitem a constituição desses discursos ao longo do tempo. Ele enfatiza a importância de uma análise que reconheça a multiplicidade das raízes históricas e a diferença das sucessões, ao invés de buscar uma continuidade linear e totalizante na história.

Ao adotar essa abordagem, Foucault não apenas amplia nossa compreensão das dinâmicas sociais, mas também questiona as narrativas simplistas de causa e efeito que muitas vezes são utilizadas para legitimar estruturas de *poder* e normatividade. Essa crítica fundamenta sua proposta de uma genealogia como método de análise histórica, que busca desnaturalizar o que é tomado como verdadeiro em diferentes contextos e períodos históricos.

Assim, a crítica foucaultiana à *causalidade* linear não se limita apenas a uma questão metodológica, mas tem implicações profundas para a maneira como entendemos e interpretamos a história e as relações de *poder* na sociedade contemporânea.

Para elucidar ao que foi exposto nos cabe recorrer ao trecho,

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendram, uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos

determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. Nem a dialética (como lógica de contradição), nem a semiótica (como estrutura da comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos. A “dialética” é uma maneira de evitar a realidade aleatória e aberta desta inteligibilidade reduzindo-a ao esqueleto hegeliano; e a “semiologia” é uma maneira de evitar seu caráter violento, sangrento e mortal, reduzindo-a à forma apaziguada e platônica da linguagem e do diálogo (Foucault, 1979, p. 6).

Michel Foucault critica abordagens tradicionais de análise histórica e social que enfatizam estruturas simbólicas e linguísticas, propondo em vez disso uma genealogia das relações de poder, estratégias e táticas. Para Foucault, a história não segue um sentido predefinido ou estruturas simbólicas universais, mas é moldada por confrontos belicosos e relações de poder. Ele rejeita a dialética hegeliana por simplificar a complexidade da história em contradições abstratas e a semiologia por suavizar a violência das interações humanas para uma forma de linguagem idealizada. Em vez disso, ele defende uma análise detalhada baseada na inteligibilidade das lutas sociais e das estratégias utilizadas ao longo do tempo, desafiando visões históricas que buscam reduzir a realidade complexa da história.

Genealogia do poder e do saber em Michel Foucault

Michel Foucault é amplamente reconhecido por sua abordagem genealógica, que investiga as complexas interações entre *poder* e saber ao longo da história. Em contraste com visões simplistas que concebem o *poder* como uma estrutura hierárquica de dominação unidimensional,

Foucault propõe uma análise que revela a dispersão e a multiplicidade do *poder* em práticas sociais, instituições e discursos.

A genealogia foucaultiana desafia a ideia de que o *poder* opera de maneira monolítica e coercitiva, mostrando como ele se manifesta de maneiras sutis e dispersas através de técnicas disciplinares, estratégias de governo e mecanismos de controle. Em obras como *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*, Foucault descreve como instituições disciplinares como prisões e escolas não apenas controlam corpos individuais, mas também moldam subjetividades e normatizam comportamentos de acordo com normas sociais.

Além disso, Foucault analisa como o saber não é um corpo neutro de conhecimento, mas é produzido e circulado dentro de contextos de *poder* específicos. Ele critica a noção de que o conhecimento científico ou médico é objetivo e universal, argumentando que esses discursos são construídos dentro de relações de *poder* que determinam o que é considerado verdadeiro ou falso em um determinado contexto histórico.

Em *História da Loucura* publicado em 1961, Foucault investiga como a noção de loucura e a prática psiquiátrica são cruciais para a estruturação do saber e do *poder* na sociedade moderna. Ele demonstra como a exclusão e medicalização dos indivíduos considerados "loucos" não apenas reforçam hierarquias sociais, mas também legitimam formas específicas de controle social.

Adotando uma perspectiva genealógica, Foucault desafia as narrativas tradicionais de progresso e evolução linear do conhecimento e do poder. Ele enfatiza a importância de investigar as condições históricas e contextuais que moldam as práticas de *poder* e os regimes de verdade em diferentes épocas. Essa abordagem não apenas oferece percepções críticas sobre as estruturas de dominação na sociedade moderna, mas também sugere possibilidades para resistência e transformação através da conscientização das dinâmicas complexas de *poder* e saber. Foucault, assim, não apenas revela as complexidades das relações entre *poder* e saber, mas também oferece ferramentas conceituais para uma crítica radical das estruturas de dominação e controle na sociedade moderna.

De uma maneira geral, os mecanismos de poder nunca foram muito estudados na história. Estudaram-se as pessoas que detiveram o poder. Era a história anedótica dos reis, dos generais. Ao que se opôs a história dos processos, das infraestruturas econômicas. A estas, por sua vez, se opôs uma história das instituições, ou seja, do que se considera como superestrutura em relação à economia. Ora, o poder em suas estratégias, ao mesmo tempo gerais e sutis, em seus mecanismos, nunca foi muito estudado. Um assunto que foi ainda menos estudado é a relação entre o poder e o saber, as incidências de um sobre o outro. Admite-se, e isto é uma tradição do humanismo, que a partir do momento em que se atinge o poder, deixa-se de saber: o poder enlouquece, os que governam são cegos. E somente aqueles que estão à distância do poder, que não estão em nada ligados à tirania, fechados em suas estufas, em seus quartos, em suas meditações, podem descobrir a verdade (Foucault, p. 83, 1979).

Na citação, Michel Foucault critica a abordagem convencional da história que se concentra na biografia dos detentores do poder, como reis e generais, em detrimento dos mecanismos sutis e estratégias gerais do poder. Ele contrasta essa narrativa com a história dos processos econômicos e das instituições, argumentando que a relação entre *poder* e saber foi negligenciada. Foucault desafia a visão humanista que sugere que aqueles no *poder* perdem a capacidade de discernir a verdade, enquanto os intelectuais distantes do *poder* têm maior clareza na descoberta da verdade. Em vez disso, ele sugere que o *poder* não apenas molda as estruturas sociais e políticas, mas também influencia a produção de conhecimento e a percepção da verdade na sociedade, destacando a necessidade de uma análise mais profunda dos mecanismos de *poder* e suas interações complexas com o saber ao longo da história e na contemporaneidade.

Poder e saber: a intersecção na produção de verdades

Michel Foucault oferece uma análise profundamente complexa da relação intrincada entre *poder* e saber, sustentando que essas duas dimensões não apenas coexistem, mas estão profundamente entrelaçadas em um jogo contínuo de influências e construções mútuas na produção de verdades históricas, científicas e sociais.

Ele desafia vigorosamente a concepção convencional de que o conhecimento é neutro e objetivo, argumentando que o conhecimento é sempre um produto das relações de *poder* específicas dentro das quais é elaborado e disseminado. Em vez de ser simplesmente descoberto ou revelado, o conhecimento é construído ativamente por meio de práticas discursivas e instituições que são moldadas por essas relações de poder. Um exemplo claro disso é seu exame detalhado das instituições médicas e psiquiátricas, onde não apenas se descrevem condições de saúde e doença, mas também se estabelecem normas de comportamento e identidade que refletem os valores dominantes da sociedade.

Para Foucault, as formas de conhecimento não são meramente produtos de investigações científicas ou históricas objetivas, mas são profundamente influenciadas por agendas políticas e sociais. Ele ilustra como certas narrativas e discursos são legitimados como verdades, enquanto outros são silenciados ou marginalizados. Por exemplo, em sua obra *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*, Foucault revela como o sistema penal não apenas administra a punição dos crimes, mas também legitima certas formas de justiça e molda percepções públicas sobre crime e segurança.

Ao desnaturalizar as verdades estabelecidas e examinar suas condições de produção, Foucault lança uma crítica incisiva às estruturas de *poder* que moldam o conhecimento. Ele argumenta que questionar as formas dominantes de saber não é apenas um exercício intelectual, mas uma necessidade política e ética crucial para desafiar as hierarquias de *poder* existentes. Essa abordagem crítica não só revela as complexidades da intersecção entre *poder* e saber, mas também abre caminho para novas

formas de conhecimento que possam resistir às formas de opressão e dominação.

As reflexões de Foucault sobre *poder* e saber têm implicações profundas para a compreensão contemporânea da política, cultura e sociedade. Elas nos incentivam não apenas a questionar o que sabemos, mas também a considerar como o conhecimento é produzido, quem o produz e com quais intenções. Esse questionamento capacita indivíduos e sociedades a desafiar narrativas unilaterais e a buscar perspectivas múltiplas que possam promover uma justiça mais ampla e uma igualdade genuína.

A intersecção entre poder e saber

Michel Foucault oferece uma análise detalhada e profunda da relação entre *poder* e saber, argumentando que essas duas dimensões fundamentais da sociedade moderna estão intimamente interligadas na produção e circulação do conhecimento. Para Foucault, o *poder* não se restringe apenas a instituições políticas formais ou estruturas coercitivas; ele permeia todas as interações sociais e se manifesta através de práticas discursivas, normativas e disciplinares que moldam o campo do saber.

Foucault desafia a visão tradicional de que o conhecimento é um espelho neutro da realidade, demonstrando como ele é construído dentro de relações específicas de poder. Suas análises revelam como certos discursos e práticas de conhecimento são autorizados e legitimados como verdades dentro de contextos particulares, enquanto outros são marginalizados ou silenciados. Por exemplo, em suas investigações sobre a história da loucura e da medicina, Foucault mostra como o conhecimento médico não apenas descreve condições de saúde, mas também estabelece normas de comportamento e identidade que refletem e reforçam valores sociais dominantes.

Ele examina como instituições sociais como prisões, hospitais, escolas e sistemas de justiça operam como dispositivos de *poder* que não

apenas controlam corpos individuais, mas também regulam os discursos e conhecimentos que circulam na sociedade. Em *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*, por exemplo, Foucault ilustra como o sistema penal não apenas pune crimes, mas também define e dissemina normas de comportamento socialmente aceitáveis, reforçando ideologias de controle e disciplina.

Ao desnaturalizar as verdades estabelecidas, Foucault promove uma crítica radical das estruturas de *poder* que moldam o conhecimento. Ele sugere que questionar e desafiar os regimes de verdade dominantes não é apenas uma atividade intelectual, mas uma prática política e ética essencial para fomentar mudanças sociais e culturais. Essa abordagem crítica não apenas revela as complexidades da intersecção entre *poder* e saber, mas também abre espaço para novas formas de conhecimento que têm o potencial de desafiar e subverter as hierarquias de *poder* existentes.

As reflexões de Foucault sobre como *poder* e saber se entrelaçam têm implicações profundas para a compreensão contemporânea da política, da cultura e da sociedade. Elas nos incentivam não apenas a questionar o que sabemos, mas também a investigar como o conhecimento é produzido, disseminado e utilizado para sustentar ou contestar estruturas de poder. Isso nos capacita a buscar formas mais justas e igualitárias de conhecimento que possam promover uma sociedade mais inclusiva e crítica.

Produção de verdades e regimes de poder

Michel Foucault investiga como as verdades são produzidas dentro de regimes de *poder* específicos, desafiando a visão tradicional de que o conhecimento é objetivo e neutro. Ele argumenta que as formas de saber não são apenas descrições da realidade, mas construções que refletem e reforçam relações de *poder* dominantes na sociedade.

Para Foucault, o *poder* não é apenas uma estrutura de dominação, mas uma rede complexa de relações que permeia todas as esferas da vida

social. Ele mostra como certos discursos e práticas de conhecimento são autorizados e legitimados como verdades, enquanto outros são marginalizados e silenciados. Por exemplo, em suas obras sobre história da loucura e da medicina, ele revela como o saber médico não apenas descreve condições de saúde e doença, mas também estabelece normas de comportamento e identidade que são fundamentais para a governança social.

Foucault questiona a ideia de que o conhecimento é uma representação fiel da realidade objetiva. Em vez disso, ele sugere que o conhecimento é produzido através de práticas discursivas e institucionais que são influenciadas por agendas políticas, sociais e econômicas. Por exemplo, em *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*, ele examina como o sistema penal não apenas pune crimes, mas também define e dissemina normas de comportamento socialmente aceitáveis e reforça ideologias de controle e disciplina.

Ao desnaturalizar as verdades estabelecidas, Foucault promove uma crítica radical das estruturas de *poder* que moldam o conhecimento. Ele sugere que questionar as formas de saber dominantes não é apenas um exercício intelectual, mas uma prática política e ética necessária para promover mudanças sociais e culturais. Essa abordagem crítica não apenas revela as complexidades da relação entre produção de verdades e regimes de poder, mas também abre caminho para novas formas de conhecimento que podem desafiar e subverter as hierarquias de *poder* existentes.

As reflexões de Foucault sobre a produção de verdades e regimes de *poder* têm implicações profundas para a compreensão contemporânea da política, da cultura e da sociedade. Elas nos incentivam a questionar não apenas o que sabemos, mas como o conhecimento é produzido, disseminado e utilizado para reforçar ou contestar estruturas de poder. Isso nos capacita a buscar formas mais justas e igualitárias de conhecimento que possam promover uma sociedade mais inclusiva e crítica.

Desnaturalização e crítica do conhecimento

Michel Foucault propõe uma abordagem crítica e desnaturalizador em relação ao conhecimento, questionando suas bases e condições de produção dentro de contextos históricos e sociais específicos. Ele argumenta que o conhecimento não é uma entidade estática ou objetiva, mas sim uma construção dinâmica que reflete e perpetua relações de poder. Foucault desafia a ideia de que o conhecimento é uma representação neutra da realidade, sugerindo em vez disso que as verdades são produzidas através de práticas discursivas e institucionais influenciadas por agendas políticas, sociais e econômicas.

Por exemplo, em suas obras sobre história da loucura e da medicina, ele revela como o saber médico não apenas descreve condições de saúde e doença, mas também estabelece normas de comportamento e identidade que são fundamentais para a governança social. Ao desnaturalizar as verdades estabelecidas, Foucault desafia as hierarquias de *poder* que moldam o conhecimento, sugerindo que questionar as formas de saber dominantes não é apenas um exercício intelectual, mas uma prática política e ética necessária para promover mudanças sociais e culturais.

Essa abordagem crítica não apenas revela as complexidades da relação entre produção de verdades e regimes de poder, mas também abre caminho para novas formas de conhecimento que podem desafiar e subverter as hierarquias de *poder* existentes. As reflexões de Foucault sobre a desnaturalização e crítica do conhecimento têm implicações profundas para a compreensão contemporânea da política, da cultura e da sociedade, incentivando-nos a questionar não apenas o que sabemos, mas como o conhecimento é produzido, disseminado e utilizado para reforçar ou contestar estruturas de poder. Essa perspectiva capacita-nos a buscar formas mais justas e igualitárias de conhecimento, promovendo uma sociedade mais inclusiva e crítica.

Instituições disciplinares e controle social

Michel Foucault investiga como instituições específicas operam como dispositivos de poder que não só disciplinam corpos individuais, mas também regulam o conhecimento e os discursos que circulam na sociedade. Ele argumenta que essas instituições não apenas impõem normas e valores, mas também moldam a subjetividade dos indivíduos e perpetuam relações de poder dominantes.

Foucault analisa instituições como prisões, escolas, hospitais e quartéis como locais onde as técnicas disciplinares são aplicadas para regular comportamentos e produzir subjetividades conforme aos ideais sociais predominantes. Por exemplo, em *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*, ele descreve como a arquitetura das prisões e os regimes de vigilância não apenas punem crimes, mas também inculcam disciplina nos indivíduos, reforçando a autoridade do Estado e suas normas de conduta.

Para Foucault, a disciplina não se limita à imposição de regras externas, mas permeia a vida cotidiana através de técnicas como a vigilância constante, a normalização dos corpos e a hierarquização do conhecimento. Ele mostra como essas práticas disciplinares não apenas moldam o comportamento dos indivíduos, mas também estabelecem categorias de normalidade e anormalidade que sustentam estruturas de poder. A vigilância constante, por exemplo, faz com que os indivíduos internalizem as normas de conduta, atuando conforme esperado mesmo na ausência de supervisão direta.

Foucault também destaca como a normalização dos corpos é uma técnica crucial nas instituições disciplinares. Nos hospitais, por exemplo, práticas médicas e padrões de saúde definem o que é considerado um corpo saudável ou doente, moldando não apenas tratamentos, mas também expectativas sociais sobre o que constitui um corpo “normal”. Nas escolas, currículos e métodos pedagógicos não apenas transmitem conhecimento, mas também disciplinam o corpo e a mente, promovendo comportamentos e atitudes que se alinham com os valores sociais dominantes.

Ao analisar as instituições disciplinares, Foucault convida à crítica das formas de controle social que perpetuam desigualdades e exclusões. Ele sugere que a resistência pode surgir através da conscientização das técnicas de poder utilizadas nessas instituições e da busca por novas formas de organização social que não se baseiam na opressão e na marginalização. Reconhecer essas técnicas permite desafiar as normas impostas e imaginar alternativas que promovam a emancipação e a equidade social.

Foucault nos incentiva a refletir sobre como as práticas institucionais moldam nossas vidas e a questionar a naturalização dessas práticas. Ele nos lembra que as estruturas de poder são mantidas através de processos cotidianos de disciplina e controle, e que a transformação social requer uma crítica constante e a reimaginação das formas pelas quais organizamos e governamos nossas sociedades.

Causalidade difusa: desafiando noções tradicionais

Michel Foucault propõe uma reflexão crítica sobre a causalidade que transcende as abordagens tradicionais, destacando como os conceitos estabelecidos de causa e efeito são moldados por relações de poder e conhecimento que operam de maneira difusa e não linear na sociedade moderna.

Foucault argumenta contra visões simplistas de causalidade que sugerem relações diretas e unidimensionais entre eventos. Em suas análises, ele mostra como as relações causais são frequentemente obscurecidas por uma rede complexa de práticas discursivas, institucionais e sociais que determinam como certos eventos são percebidos e interpretados como causas de outros. Para Foucault, a causalidade não pode ser entendida separadamente das estruturas de poder e saber que permeiam a vida social. Ele examina como determinadas narrativas e discursos são autorizados como verdades causais, enquanto outras interpretações são marginalizadas ou silenciadas.

Por exemplo, em suas obras sobre a história da loucura e da medicina, Foucault revela como o saber psiquiátrico não apenas descreve causas de comportamentos desviantes, mas também estabelece normas de normalidade que influenciam a percepção e o tratamento dos indivíduos. Essa perspectiva ilumina como as estruturas de poder institucionalizam certas verdades, moldando a compreensão coletiva sobre o que constitui uma causa e seus efeitos subsequentes.

Foucault desafia as noções tradicionais de causalidade ao mostrar como as relações de poder podem obscurecer ou distorcer as conexões causais, moldando a forma como entendemos eventos históricos, sociais e individuais. Ele sugere que examinar as condições de produção do conhecimento sobre causalidade é essencial para uma compreensão mais crítica e inclusiva dos processos sociais. A ideia de que o conhecimento é produzido dentro de contextos específicos de poder implica que as explicações causais são, muitas vezes, reflexos das relações de poder existentes.

As reflexões de Foucault sobre causalidade difusa têm implicações significativas para a compreensão contemporânea da política, da ciência e da cultura. Elas nos incentivam a questionar não apenas as explicações simplistas de causa e efeito, mas também a considerar como o poder e o conhecimento moldam nossas percepções e interpretações dos eventos ao nosso redor. Isso nos capacita a explorar novas formas de investigar e interpretar os complexos fenômenos sociais e históricos que não se encaixam em modelos causais lineares.

Ao desafirmos as noções tradicionais de causalidade e reconhecemos a influência difusa e não linear das relações de poder e conhecimento, somos levados a uma visão mais crítica e sofisticada da realidade social. Foucault nos convida a desvendar as camadas de práticas e discursos que moldam nossa compreensão do mundo, permitindo uma análise mais profunda e abrangente das dinâmicas sociais e históricas.

Considerações finais

Michel Foucault desafia vigorosamente as concepções tradicionais de causalidade linear, que simplificam a complexidade das relações sociais e históricas a uma sequência direta de causa e efeito. Em vez disso, ele propõe uma análise descontínua e multifacetada que revela a contingência e a multiplicidade de forças que moldam eventos e discursos. Esta crítica fundamenta sua metodologia genealógica, a qual desnaturaliza e expõe as condições históricas e contextuais que possibilitam a emergência de certas verdades e conhecimentos.

A genealogia foucaultiana investiga como o poder não é uma entidade monolítica, mas se dispersa em práticas sociais, instituições e discursos, moldando subjetividades e normatizando comportamentos. Nas obras *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão* e *História da Loucura*, Foucault demonstra como instituições como prisões e hospitais não apenas controlam corpos, mas também produzem saberes que reforçam estruturas de poder. Ele revela que o conhecimento, longe de ser neutro ou objetivo, é produzido dentro de contextos específicos de poder, onde certos discursos são legitimados enquanto outros são marginalizados.

Na intersecção entre poder e saber, Foucault mostra como as práticas discursivas e institucionais moldam não apenas o conhecimento, mas também a percepção de verdade. Por exemplo, o saber médico não apenas descreve condições de saúde, mas também estabelece normas sociais e de comportamento. Ao desnaturalizar essas verdades, Foucault promove uma crítica radical que não é apenas intelectual, mas também política e ética, questionando as hierarquias de poder e propondo novas formas de conhecimento que possam resistir à opressão.

A concepção de causalidade de Michel Foucault é descontínua e multifacetada, considerando os eventos como resultado de múltiplas forças, práticas e discursos, em vez de uma simples sequência linear de causa e efeito. Suas principais obras que exploram esse conceito incluem *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* e *História da Loucura*, onde ele

analisa como práticas institucionais moldam não apenas o comportamento, mas também a produção de conhecimento.

Foucault se contrapõe às ideias de David Hume ao rejeitar a busca por uma origem única ou uma explicação teleológica para fenômenos sociais. Enquanto Hume se concentra em uma análise empírica e linear de causa e efeito, Foucault enfatiza a contingência e a multiplicidade de forças e discursos que influenciam eventos históricos e sociais.

As implicações contemporâneas da crítica foucaultiana à causalidade linear incluem uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder na produção de conhecimento e verdade, e uma capacidade de resistir a narrativas simplistas de causa e efeito que legitimam estruturas de poder e normatividade. Isso nos capacita a buscar formas mais justas e inclusivas de conhecimento que desafiem as hierarquias de poder existentes.

Em suma, a crítica de Foucault à causalidade linear e sua abordagem genealógica do poder e do saber oferecem uma perspectiva complexa e crítica sobre a produção de conhecimento e a intersecção entre poder e verdade, com profundas implicações para a compreensão das dinâmicas sociais e históricas na sociedade moderna.

Referências

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUTTING, Gary. *Foucault: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1093/actrade/9780192805577.001.0001>.

HUME, David. *Investigação sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

HUME, David. *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LIVINGSTON, Paisley. *Artificial Intelligence and the Politics of the Machine: A Case Study of Foucault and AI*. Nova York: Routledge, 2020.

OWEN, David. *Hume's Reason*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Data de registro: 22/07/2024

Data de aceite: 29/01/2025